

O VULTO DA MEMÓRIA NO DIÁLOGO ENTRE CONCEIÇÃO LIMA E ADÉLIA PRADO

THE COUNTENANCE OF MEMORY IN THE DIALOG BETWEEN CONCEIÇÃO LIMA AND ADÉLIA PRADO

Patrícia Ribeiro
Graduanda em Letras
Universidade Federal de Juiz de Fora
patriciaribeiro_let@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo se propõe a analisar comparativamente como a categoria memória insere-se na poética de Conceição Lima e Adélia Prado, estabelecendo o diálogo entre elas e ampliando o significado de suas obras.

Palavras-chave: Conceição Lima; Adélia Prado; memória

ABSTRACT: The purpose of this article is to investigate comparatively how the category memory is in the poetic of Conceição Lima and Adélia Prado in order to establish the dialogue among them as well as to improve the meaning of their works.

Keywords: Conceição Lima; Adélia Prado; memory

Sou um ser concomitante. Reúno em mim
o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo
que lateja no tique-taque dos relógios.
(Clarice Lispector)

As discussões norteadoras deste trabalho buscam esclarecer a questão da memória e do posicionamento do eu poético diante da realidade na poesia de Conceição Lima e de Adélia Prado. Partindo do pressuposto de que essas questões permeiam a poética das duas autoras, procuramos estabelecer os pontos análogos e dissonantes entre as obras delas.

Nossa proposta de trabalho tem o intuito de ampliar o significado das obras das autoras, promover o diálogo entre a literatura brasileira e são-tomense e, por meio de uma análise comparativa, identificar como a memória (do cotidiano, da infância e da família) e a perspectiva diante da realidade emergem da produção literária de Conceição Lima e de Adélia Prado.

Maria da Conceição Costa de Deus Lima, ou apenas Conceição Lima, nasceu em Santana, na ilha de São Tomé, no dia oito de dezembro de 1961. Ela estudou jornalismo em Portugal e, em São Tomé e Príncipe, exerceu cargos em rádio, televisão e imprensa escrita. Conceição Lima licenciou-se em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros e é mestre em Estudos Africanos. Atualmente, reside em Londres, onde trabalha como jornalista, atuando nos serviços de Língua Portuguesa da BBC. Após alguns anos, com trabalhos dispersos em antologias, jornais e revistas de vários países, Conceição Lima publica em 2004 O útero da casa, objeto de nossa análise, e A dolorosa raiz do micondó, em 2006.

Adélia Luzia Prado Freitas nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, Brasil, no dia 13 de dezembro de 1935. Em 1953 ela conclui o curso de Magistério, começando a atuar nessa profissão em 1955. Em 1973, forma-se em Filosofia e, em 1976, publica seu primeiro livro, Bagagem. Adélia escreve em prosa e poesia, tem vários livros publicados, sendo Oráculos de maio, objeto de nosso trabalho, editado em 1999, o mais recente dentre os de poesia.

O útero da casa e Oráculos de maio, de Conceição Lima e de Adélia Prado, respectivamente, assumem atitude memorialística e intimista, indícios de uma dinâmica temporal em que o passado é rememorado no presente e explicita-se a idealização do futuro. Nesse sentido, Conceição Lima e Adélia Prado remetem ao deus da mitologia Jano, o qual “como deus do passado e do futuro, do início e do fim, das portas que se abrem e fecham, [...] era representado com duas faces contrapostas, tendo numa das mãos uma chave e na outra uma varinha” (CVITA, 1976, p. 101). As duas poetisas contemporâneas têm o olhar voltado para o passado e projetam o futuro, por isso, aproximam-se do deus bifronte Jano.

A reminiscência na poesia de Conceição e Adélia significa a tentativa de compreender o passado para reorganizar as lembranças no presente. Esse projeto exige esforço, pois “a verdadeira imagem do passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN, 1994, p. 224), além de cuidado e a consciência de que “articular

historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Olhar para o passado implica em direcionar a atenção para a história. Segundo Walter Benjamin, o anjo da história deve ter o aspecto do quadro Angelus Novus de Paul Klee (1920), pois “parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas” (BENJAMIN, 1994, p. 226). A imagem desse anjo pode simbolizar receio com relação ao passado. De fato, o passado pode assustar muitas pessoas, uma vez que assinala a passagem inexorável do tempo, mas a atitude memorialística associada à história pode ser positiva.

A memória é a força por trás da história e auxilia na reordenação de vidas. Robert Butler, psiquiatra e pesquisador norte-americano, “defendeu a necessidade de encarar a reminiscência como normal e saudável, parte de um processo universal para a reavaliação de conflitos para restabelecer a auto-identidade” (THOMPSON, 1992, p. 210). Essa proposição originou-se do reconhecimento da importância terapêutica da reminiscência no trabalho com idosos, mas se aplica a qualquer pessoa, independente da faixa etária. Aplica-se, também, à poética de Conceição e Adélia.

Na mitologia da Antiguidade encontramos Mnemósine, a personificação da memória ou lembrança. Além disso, essa entidade era “filha do Céu e da Terra. Habitava na Piéria, região da Macedônia. Júpiter amou-a durante nove noites e, ao fim de nove meses, Mnemósine deu à luz as Musas” (CIVITA, 1976, p. 124).

Por outro lado, a memória “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Nesse sentido, aponta-se para a aplicação que a memória assume em nosso trabalho, pois temos por finalidade investigar como o eu poético em Adélia Prado e em Conceição Lima revigora as lembranças de um tempo decorrido, realizando a ordenação e/ou releitura dos vestígios do passado.

Sendo assim, procuramos comprovar a semelhança da atitude memorialística dessas autoras com poemas que recordam o cotidiano, a família e a infância de outrora. Por outro lado, verificamos a existência de um conjunto de poemas em que o eu poético manifesta suas impressões diante da realidade, demonstrando descontentamento ou sugerindo mudanças para o futuro. Nesse ponto, as poetisas agem de maneira dissonante.

A evocação do passado inicia-se com o questionamento sobre a genealogia na poesia de Conceição:

OS RIOS DA TRIBO

À Cency Mata

Que rios reverberam em nossos leitos?
 Quantas tribos injectadas em teu peito?
 Nhá Maria de onde é?
 Nhô Ambrósio nasceu em Água Izé?
 E Katona, Aiúpa, Makolé?
 Silva, Danquá, Cassandra, Camblé...
 Padiçê, Me Pó, Filingwé...
 Quantos nomes fundam transmutam minha frente?
 (2004, p. 38)

Nesse poema Conceição Lima evoca nomes de pessoas de diferentes origens. Segundo Inocência Mata (2006, p. 245) são “nomes que funcionam como metonímias do corpo nacional — forro, minuiê, ‘inglês preto’, angolar, tongas de Cabo Verde, de Angola, de Moçambique”. Esse multiculturalismo configurou a nação são-tomense e a identidade da poetisa — “Quantos nomes fundam e transmutam minha frente?”. A genealogia proposta por Conceição Lima é múltipla, pois incorpora a diversidade étnica presente em São Tomé e Príncipe.

Em Adélia Prado, à indagação sobre a origem acrescenta-se a religiosidade:

EXERCÍCIO ESPIRITUAL

[...]
 Onde está o Pai?
 De onde vim?
 Move-se na parede um cavalo de sol.

É o Pai?
 Não,
 é só uma sombra e já se desfaz.
 O Pai, então, é uma usina?
 Meu pai dizia: ó Pai!
 E levantava os braços respeitosos.
 Também meu avô: Deus é Pai!
 E tirava o chapéu.
 Assim, um pai remetendo a outro
 e mais outro e outro mais,
 enfim, a milhões de pais até Adão,
 que sou eu acordando de um sonho,
 apenas “raia sanguínea e fresca”
 a madrugada, filha de parnasiano,
 que me encantava quando eu era mocinha
 filha de ferroviário,
 casada agora.
 [...]

(2007, p. 119-120)

Nos versos, a reflexão sobre a genealogia dialoga com elementos religiosos. A voz poética questiona sobre sua origem: “De onde vim?” e demonstra vontade de conhecer Deus: “Onde está o Pai?”, que ao ser chamado de Pai também configura a origem do eu poético. Alude-se ao pai, que era ferroviário — “filha de ferroviário” — e ao avô do eu poético, figuras constituintes da matriz genealógica que louvavam o Deus-Pai.

Em Conceição Lima observamos a genealogia sobreposta a fatores político-sociais da nação são-tomense, como a diversidade étnica, enquanto em Adélia Prado a origem do eu poético relaciona-se com a religiosidade, um dos temas recorrentes na obra da poetisa, pois o pai, o avô e o Deus-Pai pertencem à genealogia construída pela autora no poema Exercício Espiritual.

A figura paterna encontra-se em outros textos das autoras, como assinala a dedicatória do poema abaixo, de Conceição Lima:

RESIDÊNCIA

Visão de meu pai de volta à casa de
sua mãe, Sam Nôvi, no Budo-Budo

Regressarás pela ladeira velha

sem aviso
 Será como ontem, ao entardecer:
 remoto, repentino, o assobio.
 E no caminho, um soluço de festa
 derramado.
 [...]
 O degrau há-de ranger ao primeiro passo.
 Subirás devagar, concreto
 sem pisar a tábua solta no soalho
 A porta estará aberta, a tocha acesa.
 (2004, p. 57-58)

Esses versos descrevem o pai retornando para casa de Sam Nôvi, avó paterna do eu poético. A volta do pai será celebrada: “E no caminho, um soluço de festa derramado”, e ele será bem recebido, pois “A porta estará aberta, a tocha acesa”, como se o aguardassem.

A imagem do pai pode surgir em meio às recordações da infância, como em Adélia Prado:

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Tenho dez anos
 e caminho de volta à minha casa
 Venho da escola, da igreja,
 da casa de Helena Reis, não sei,
 mas piso, é certo, sobre trilha de areia,
 pensando: vou ser artista.
 [...]
 Só porque achei sua binga e seu pito
 meu pai falou: eta menina de ouro!
 Foi injusto outras vezes, mas perdeu tardes
 atrás de sabugueiro para curar minha tosse.
 (2007, p. 37)

O eu poético é uma criança de dez anos que transita por espaços do seu cotidiano e retorna à sua casa. A figura paterna agradece a menina, pois ela encontrou objetos perdidos por ele: “Só porque achei sua binga e seu pito / Meu pai falou: eta menina de ouro!”. A relação entre pai e filha é exposta pelos versos: “Foi injusto outras vezes, mas perdeu tardes / atrás de sabugueiro para curar minha

tosse”, em que a menina reconhece o cuidado e o afeto do pai para com ela no momento de saúde frágil.

Mais tarde, provavelmente na juventude do eu poético, o pai aparece vigiando o namoro da filha no poema de Adélia Prado:

VASO NOTURNO

À meia noite, José dos Reis
 — que namoro escondido —
 vem fazer serenata para mim.
 Papai tosse alto,
 tropeça por querer nos urinóis.
 [...]
 (2007, p. 45)

No universo patriarcal, frequentemente representado nas obras da poetisa, o pai vigia a figura feminina, que deveria submeter-se às regras determinadas por este. Diante da serenata para a filha, o pai faz barulho, tossindo, e tropeça no urinol para indicar que está vigilante, ciente do namoro às escondidas. A filha responde com o silêncio — “Me finjo de santa morta” — possivelmente por medo do pai.

A atitude memorialística também traz para o poema a figura materna, presente na dedicatória e nos versos de Conceição Lima:

REGAÇO DE UPA

À minha mãe
 De que servirá o canto
 embora claro
 quando tu te ausentares
 e o silêncio possuir a madrugada?

 Quem despirá do frio
 as horas
 quando inertes as mão quedarem
 sem memória?
 (2004, p.55)

No fragmento, o eu poético manifesta receio de perder sua mãe. Se isso acontecer, ele será acometido pela desilusão, pois nem o canto terá mais sentido. Entendemos esse “canto” como uma música ou como a atividade poética desempenhada por Conceição Lima.

Em Adélia Prado, no poema Anamnese, há um indício de que a mãe do eu poético não está mais viva:

ANAMNESE

Na hora mais calma do dia
o frango assustado
atravessou o terreiro
em desabalado viés.
Era carjô,
minha mãe era viva,
eu era muito pequena
[...]
(2007, p. 83)

Em meio às memórias da infância — “Eu era muito pequena” — o eu poético resgata a imagem do quintal de sua casa, com o frango que corre assustado, talvez, por medo de ser abatido. O verso “Minha mãe era viva” marca a ausência da mãe e indica que a cena descrita trata-se de uma recordação do eu poético. Na poesia de Adélia há outros versos alusivos à ausência da mãe: “Estou com muita saudade/ de ter mãe, / pele vincada, / cabelos para trás, / os dedos cheios de nós, / tão velha [...]” (Pedido de adoção, 2007, p. 55).

Na poesia de Adélia Prado, a rememoração da infância e de figuras familiares é frequente. Consideramos que para essa poetisa as lembranças da infância e da família, assim como a recordação dos familiares em Conceição Lima, contribui para a reorganização dos afetos e a constituição da identidade pessoal no presente. Béatrice Didier (*apud* BRANCO; BRANDÃO, 1989, p. 115) sustenta a importância da retomada da infância para a construção da identidade feminina: “A infância é esta ‘espaciosa catedral’ onde as mulheres gostam de retornar, e se

recolher: parece-lhes que lá é possível reencontrar sua verdadeira identidade, como numa nostalgia de sua integridade original”.

As recordações de Conceição Lima e de Adélia Prado denotam uma oportunidade para essas autoras reconciliarem-se com suas memórias, reorganizarem seus afetos e suas relações com o passado. Assim, endossamos a proposição de Massaud Moisés sobre uma das funções da literatura, conforme a perspectiva do “criador”:

O discurso poético resulta de uma purgação do escritor, uma vez que este projeta no texto os seus “demônios interiores”: ao vazar em palavras o conteúdo de sua imaginação, o criador de arte livra-se do “peso” incômodo dos subterrâneos psíquicos (MOISÉS *apud* MATA, 2006, p. 237).

Além disso, a atitude poética memorialística colabora para a formação ou afirmação da identidade:

[...] para a maioria das pessoas, o sofrimento do passado é muito mais suportável, por encontrar-se ao lado de boas lembranças de alegria, afeto e realização, e a lembrança destas e daquelas pode ser uma coisa positiva. Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança. (THOMPSON, 1992, p. 208).

Nesse percurso memorialístico, notamos que além das recordações da infância, recuperam-se lembranças do cotidiano, como no poema de Conceição Lima:

VILA MARIA NÚMERO 6

Gosto de me sentar na Vila Maria
nas tardes de domingo
E gosto, nas tardes de domingo
na Vila Maria
do rumor da brisa na casa número seis.
[...]
O crepitar da brasa no fogão
as últimas ordens o frémito de festa
e o vulto de Aíto reclinado no caderno

Gosto da inesperada saudação
 De nhô N'Tóni
 [...]

 Gosto das tardes de domingo
 na casa número seis da Vila Maria
 onde as horas de repartem como gomos
 iguais
 e os encontros têm a conivente magia
 dos rituais.
 (2004, p. 52-53)

A Vila Maria número 6 simboliza o local tranquilo do cotidiano e mesmo o refúgio do eu poético. Esse lugar agradável é celebrado — “As últimas ordens o frémite de festa” — e valorizado porque “Os encontros têm a conivente magia / dos rituais”. Além disso, esse poema faz referência a Aíto Bonfim, poeta, romancista e dramaturgo são-tomense; possivelmente um dos laços afetivos da poetisa.

Em Adélia Prado, o eu poético não quer perder o cotidiano que avista de sua janela:

VIAÇÃO SÃO CRISTÓVÃO

Não quero morrer nunca,
 porque temo perder o que desta janela
 se desdobra em tesouros.
 É Bar Barranco? Bar Barroso? Bar Barroco?
 Em frente à estação do trem
 a agropecuária explica-se:
 é de Carmo da Mata
 [...]

 Os pastos estão bem secos,
 mas continuam imbatíveis
 no seu poder de me remeterem...
 A Vós? À infância?
 À Pátria, ao Reino do Céu.
 [...]

 É bom ver homem no pesado
 e mulher vigiando menino,
 a instrução reservada do padre
 [...]

 (2007, p. 93-94)

O eu poético anuncia que tem medo de morrer e perder a realidade vista de sua janela, a qual para ele é um tesouro — “[...] temo perder o que desta janela / se desdobra em tesouros”. Essa realidade compõe-se da estação de trem, dos pastos que remetem à infância ou a uma referência religiosa, marcada pelas expressões “A Vós” ou “ao Reino do Céu”. O cotidiano também se constitui de homens trabalhando, mulheres cuidando dos filhos e do padre instruindo os fiéis, como destacam os últimos versos do poema *Viação São Cristóvão*.

Na poesia da autora brasileira, muitas vezes o cotidiano associa-se ao universo feminino:

POEMA PARA MENINA-APRENDIZ

Hoje aqui em Divinópolis
 está desesperador
 mas ninguém escapará
 à sedução da minha paciência.
 A meninazinha insiste
 em arrumar a cozinha para mim,
 parece uma imperatriz: ‘sai daqui’.
 O homem sério insinua-se:
 ‘te aprecio mais sem óculos’,
 um homem desanimador.
 [...]
 (2007, p. 25)

Esses versos oferecem a imagem de uma mulher descontente com seu ambiente familiar: “Hoje aqui em Divinópolis/ está desesperador”. A criança quer ajudar na atividade doméstica: “A meninazinha insiste em arrumar a cozinha para mim”, mas a mãe parece irritada ou não aceita a colaboração da filha e o homem, possivelmente o marido, ao invés de elogiar a esposa, vê nos óculos dela um empecilho para a beleza: “te aprecio mais sem óculos, / um homem desanimador”. O eu poético feminino demonstra estar insatisfeito com seu cotidiano, com a vida doméstica — “Tem mais alguma coisa pra lavar? / Tem, sim, o encardido da alma, / um grão de esperança lava” — e apenas um filete de esperança pode modificar seu estado de espírito.

Mediante os poemas de Conceição Lima e de Adélia Prado aqui analisados buscamos comprovar como se dá a atitude memorialística nas duas autoras. Constatamos que os textos dessas poetisas não configuram apenas a expressão subjetiva do “eu poético” e o resgate de seus elos afetivos. A poesia das autoras brasileira e são-tomense surge da sobreposição do plano objetivo, no que diz respeito à memória e à história, ao plano subjetivo com a recordação, ressignificação dos afetos e construção da identidade pessoal.

Além desse grupo de poemas relacionados à memória, existem outros que indicam como o eu poético depreende a realidade. Essa percepção ocorre de maneira distinta em Conceição Lima e em Adélia Prado. Nesta o olhar sobre o mundo associa-se a elementos do universo feminino e/ou liga-se à religiosidade. Naquela o olhar para a realidade relaciona-se com fatos históricos, políticos e sociais de São Tomé e Príncipe. Isso é confirmado no poema a seguir:

ILHA

Em ti me projeto
para decifrar do sonho
o começo e a consequência
Em ti me firmo
para rasgar sobre o pranto
o grito da imanência.
(2004, p. 27)

Nesses versos o eu poético se identifica com sua pátria, o arquipélago de São Tomé e Príncipe, pois nele se projeta para tentar decifrar o presente e o passado — “O começo e a consequência” —, respectivamente. Além disso, a voz poética demonstra insatisfação, uma vez que deseja “rasgar sobre o pranto/ o grito da imanência”. A revolta do eu poético pode relacionar-se com fatos políticos ou sociais de seu país. Vale lembrar que por muito tempo as ilhas de São Tomé e Príncipe foram colônias, tornando-se independentes apenas no século XX, em 1975.

Enquanto em Conceição Lima o descontentamento com a realidade associa-se a elementos históricos, em Adélia Prado, a insatisfação com o mundo faz com que o eu poético evoque o plano religioso para lhe dar amparo:

INVITATÓRIO

De onde estou vejo através da chuva
a torre do Bom Jesus,
alguma árvore, casas,
a desolação me toma.

[...]

Senhor, Senhor Jesus, ouvi-me. Existo?
Faz tempo que não sonho, existo?
Responde-me, tem piedade de mim,
me dá a antiga alegria, os medos confortadores,
não este, este não, pois sou fraca demais.
Ouvi-me, pobre de mim,
Nossa Senhora da Conceição, valei-me.
(2007, p. 49-50)

Ao observar a realidade à sua volta, o eu poético declara estar desolado — “A desolação me toma”. O desespero faz com que ele evoque Deus e Nossa Senhora da Conceição para que tragam de volta a “antiga alegria” e as angústias com as quais a voz poética está acostumada a lidar. A aflição do eu poético é tanta que questiona sua existência: “Senhor, Senhor Jesus, ouvi-me. Existo? / Faz tempo que não sonho, existo?”.

Em *Ilha*, de Conceição Lima, e *Invitatório*, de Adélia Prado, nos deparamos com vozes poéticas atordoadas, com nuances de revolta e de insatisfação, devido à realidade que as cerca.

Em outros momentos a apreensão da realidade pelo eu poético, em Adélia Prado, associa-se ao universo feminino:

MURAL

Recolhe do ninho os ovos
a mulher
nem jovem nem velha
em estado de perfeito uso.
Não vem do sol indeciso
a claridade expandindo-se,
é dela que nasce a luz
de natureza velada,
é seu próprio gosto
em ter uma família,
amar a aprazível rotina.

Ela não sabe que sabe,
a rotina perfeita é Deus:
as galinhas porão seus ovos,
ela porá sua saia,
a árvore a seu tempo
dará suas flores rosadas.
A mulher não sabe que reza:
que nada mude, Senhor.
(2007, p. 35)

Nesse poema encontramos uma mulher — “nem jovem nem velha” — com atitude de resignação diante da rotina de sua vida. Ela é conformada e feliz com sua realidade a ponto de emanar de si uma luz: “Não vem do sol indeciso/ a claridade expandindo-se,/ é dela que nasce a luz”.

A manutenção dessa rotina é possível pela ação de Deus, que a coordena e organiza: “a rotina perfeita é Deus: / as galinhas porão seus ovos, / ela porá sua saia, / a árvore a seu tempo / dará suas flores rosadas”. Nesse momento, a religiosidade sobrepõe-se à perspectiva feminina diante do cotidiano que a cerca. Por fim, a mulher expressa aceitação perante o universo feminino no qual se insere — “A mulher não sabe que reza: / que nada mude, Senhor”.

Com nosso trabalho de análise comparativa, mostramos os enfoques dados pelas poetisas Conceição Lima e Adélia Prado no que se refere à atitude memorialística e à apreensão da realidade, que naquela autora assume cunho histórico-político e nesta se associa a uma visão de mundo feminina e/ou permeada pela religiosidade. Esse é o ponto dissonante que buscamos comprovar com a leitura dos poemas.

A postura memorialística, ponto análogo entre as poetisas são-tomense e brasileira, proporciona a ressignificação dos tempos (passado, presente e futuro) por meio da reflexão e do relato sobre eles. A simultaneidade dessas três perspectivas temporais justifica-se pelo fato de que elas contribuem para o que o eu poético é hoje, isto é, para a edificação de sua identidade. Assim, cada uma das duas poetisas é um ser concomitante que reúne em si o tempo passado, presente e futuro, como assinala a nossa epígrafe (LISPECTOR, 1978, p. 115). Além disso, constatamos que

a memória subjaz a história e essas duas “entidades” entrelaçam-se na elaboração poética de Conceição Lima e de Adélia Prado.

Portanto, buscamos demonstrar a semelhança da atitude memorialística entre as duas autoras a partir de poemas que recordam o cotidiano, a família e a infância, além de explicitar as impressões da realidade elaboradas pelo eu poético nas obras analisadas. Assim, com nossa leitura de O útero da casa e Oráculos de maio, empreendemos o entrelaçamento entre a poesia brasileira e são-tomense no que concerne à inserção da memória na produção literária de Conceição Lima e de Adélia Prado.

Referências

BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editoria, 1989.

CIVITA, V. (Ed.). *Dicionário de mitologia greco-romana*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, C. *O útero da casa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

LISPECTOR, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

MATA, I. A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das rumações afetivas. *VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, v. 7, p. 235-252, 2006. Disponível em: <<http://www.lusitanistasail.net/revista/veredas7.html>>. Acesso em 10 jul. 2009.

PRADO, A. *Oráculos de maio*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.